



## **XVI Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã / Mídia Cidadã**

### **Tema central:**

**Comunicação e as lutas por cidadania na disputa de hegemonias  
19 a 21 de outubro de 2022**

### **Iniciativa e Realização**

Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular,  
Comunitária e Cidadã - **ABPCom**  
Universidade Estadual de Londrina – **UEL**  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação– **PPGCom UEL**

---

### **GRUPOS DE TRABALHO TEMPLATE PARA O TEXTO COMPLETO**

---

## **Youtube como ferramenta de educação política e cultural: aprofundamento e referencial nos canais Tese Onze e Tempero Drag**

Leticia Gomes Nascimento; Doutoranda bolsista Capes no Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano, pesquisadora no Laboratório de Investigação em Comunicação Comunitária e Publicidade Social (Laccops). E-mail letyciaanasc@gmail.com

**Resumo:** Nosso propósito neste artigo é refletir sobre a formação educativa através dos canais no *Youtube* Tese Onze e Tempero Drag a fim de perceber quais caminhos educativos são assumidos por ambos os agentes de comunicação. Partimos tais reflexões do entrelaçamento teórico entre Paulo Freire e Antonio Gramsci quanto à educação, e o modelo de ensino humanista. Para seguir este caminho a metodologia proposta é a Análise de Conteúdo (Lycarião e Sampaio, 2021) sobre a produção dos últimos cinco anos de ambos os canais. Nosso recorte principal trata do conteúdo antirracista e ecossocialista. No desenvolvimento de nossas análises constatamos que a comunicação abordada por Fernandes e Terreri – agentes comunicadores dos casais analisados – aponta para a uma formação educativa libertária possível, ainda que encontrem limitações junto aos aparelhos midiáticos e suas dinâmicas. Não obstante contribuem para a construção de uma hegemonia popular (Bastos, 2020) através do ensino via reflexão crítica.

**Palavras-chave:** educação emancipatória; youtube; disputa hegemônica; formação humanística

### **Introdução**

A reflexão quanto à constituição da educação como dimensão fundamental dos processos políticos e sociais não é novidade junto aos sistemas de comunicação, como confirmam as vastas experiências em televisão, rádio e na web 2.0. Gerações cresceram sendo

audiência de programas como o Brasil Escola, o Telecurso Brasil, e bem antes disso, da programação educativa no início do rádio brasileiro, com a Rádio Roquete Pinto, por exemplo. Mas o que pretendemos aqui é refletir sobre a educação emancipatória tal qual Freire (2020) a constitui, dentro dos espaços do *Youtube*, o que se sabe ser também um espaço de ampla base teórica e fundamentos já definidos. Diante disso, estendemos nossas reflexões para a formação de uma educação emancipatória entrelaçada com o que acreditamos ser as novas expressões de uma intelectualidade orgânica, como propôs Gramsci em seu primeiro caderno.

O modelo de educação defendido por Gramsci e Freire é o humanista, que tem seu norte nas experiências ligadas ao cotidiano dos estudantes, que por sua vez são formados para a reflexão crítica, sob um ensino de bases justificadas e fundamentadas, a partir de uma prática que não só aceita questionamentos sob a ótica da razão como também a estimula. Enquanto modelo de ensino a prática humanística do saber recebe partidários de diversas esferas da formação educacional brasileira, seja na educação básica ou no ensino superior.

Dentre tais indivíduos partidários desta pedagogia encontram-se Sabrina Fernandes, bacharel em economia pela St. Thomas University – Canadá –, mestra em economia política e doutora em Sociologia pela Carleton University – também no Canadá – e pesquisadora de pós-doutorado no tema de autoritarismo e contra estratégias pela Universidade de Brasília e a Fundação Rosa Luxemburgo; e Guilherme Terreri, graduado em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, e também em Letras pela Universidade de São Paulo, mestre em Estudos da Cultura e especialista em literatura inglesa. Sem dúvidas, podemos classificar Sabrina e Guilherme como indivíduos acadêmicos que possuem certa autoridade para propagar os temas que abordam em seus canais no *Youtube*. O local do saber a partir do qual articulam suas reflexões situa-se não em meros achismos, mas a partir de um caminho crítico através do qual se formam enquanto sujeitos. É a partir desta construção da emancipação crítica individual que ambos articulam seus espaços enquanto comunicadores. Dito isto, consideramos que Fernandes e Terreri representam o modelo de reflexão de uma educação crítica ao estilo *Broadcast Yourself* que desejamos trazer aqui.

A fim de prosseguirmos, desenvolvemos nossas análises e reflexões com base em um levantamento inicial dos últimos cinco (5) anos de conteúdo dos canais de *Youtube* Tese Onze, de Fernandes, e Tempero Drag, de Terreri – mais à frente apresentaremos os recortes realizados para a seleção do material analisado, agora consideramos que seja mais oportuno apresentar as razões que nos fazem crer que a atuação destes canais demonstram preponderância ao se tratar de temas relacionados à cidadania, sua disputa constante e como ambos os temas se costumam com a “educação como prática de liberdade” (FREIRE, 1967), para então tentar demonstrar o

quanto Sabrina Fernandes e Guilherme Terreri, sob a alcunha de Rita Von Hunty, contribuem para ambas as ações políticas necessárias.

### **Educação e Youtube**

O Youtube enquanto espaço de mídia de uma cultura participativa torna possível o acesso e a propagação de conteúdos de diversos tipos, e que muitas das vezes foram contestados em sua forma, conteúdo, legitimidade e principalmente conflitos com direitos autorais. Ainda que este último ponto não seja essencialmente relevante para nossas reflexões, percebemos que a cultura de propagação, estimulada pelo compartilhamento de materiais sem autorização – como clipes musicais e trechos de programas de televisão – proporcionaram um “bum” para a plataforma nos anos 2007 e 2008, elevando a visibilidade de um site criado sem almejar o patamar que hoje ocupa no cenário mundial. Ao passo que se transformou de “Seu repositório de vídeos digitais” para o “*Broadcast Yourself*”, o Youtube – já como parte do grupo Google, galgou espaços em uma comunicação até então restrita as grandes famílias que controlam a comunicação nos países ocidentais. O estímulo financeiro possibilitado pela amplitude de acessos aos vídeos e, conseqüentemente ao nível de publicidade, possibilitou com que milhares de pessoas até então anônimas tornassem-se referência em diversos temas.

Burgess e Green (2009) percebem que esse espaço de articulação e propagação do *Youtube* só foi possível graças ao trabalho de produção de conteúdo de indivíduos especializados e não uma conquista apenas da empresa *Youtube*.

A cocriação do Consumidor (Potts et al, 2008) é fundamental para avaliar o valor do YouTube, assim como sua influência contestadora sobre os modelos de negócio vigentes dos meios de comunicação. Avaliado sob essa ótica, podemos começar a refletir sobre a importância do YouTube em termos culturais. Para o YouTube, a cultura participativa não é somente um artifício ou um adereço secundário; é, sem dúvida, seu principal negócio. (BURGESS E GREEN, 2009, p.23)

A presença de indivíduos populares tão diversos na rede não foi bem-vista aos olhos dos paladinos da intelectualidade, Burgess e Green<sup>2</sup> chegam a apresentar a postura de alguns intelectuais que observavam a atenção ao espaço como um desperdício da intelectualidade. Mas o que se percebe na prática são as amplas possibilidades da rede, desde a utilização para entretenimento informal, com vídeos que se aproximam da raiz da criação da rede, como um “repositório de vídeos online”, à meios de propagação de entrevistas com renomados

---

<sup>1</sup> Tradução da livre: Transmita-se.

<sup>2</sup> *Ibidem*

intelectuais de todo o Globo. Desta mesma forma a prática do ensino na rede se propagou ao longo dos anos, seja como espaço em que professores da educação básica apresentavam outras didáticas de ensino às disciplinas formais da grade curricular – como dicas de matemática, história, química etc. para vestibulandos –, bem antes das dinâmicas de ensino híbrido impostas pela pandemia de Covid-19. Mas também práticas de ensino com estímulo crítico do saber através das veiculações de palestras de grandes pesquisadores nas universidades de todo o mundo. Outro espaço propagado pelo *Youtube* como possibilidade de reflexão coletiva são os Ted Talks – modelo que não nos atentaremos em explorar aqui.

Para além de seus limites de alcance, suas dinâmicas algorítmicas e políticas aplicadas à plataforma, que merecem ampla reflexão e crítica uma vez que aplicam quedas no rendimento de diversos conteúdos políticos e que se articulam contra a dinâmica do capitalismo, o espaço de utilização do *Youtube* como matriz educacional é visto com ressalva por Maria Lúcia Santaella (2014, p. 19) que define o ensino exclusivamente pela internet como “uma aquisição de informação a céu aberto e fora de quaisquer planejamentos e sistematizações”. Isto porque as conexões mentais formadas por um espaço de ensino X, em um portal Y, tendem a instigar novos temas e assuntos que fluem sem que a aquisição do tema inicial de formação seja estabelecida em um fluxo contínuo e com objetivos de aprendizagem definidos. Para a autora, a utilização da rede como espaço único de aprendizagem, em que se exclui a presença da escola na dinâmica social não é uma característica valorativa para a educação, “o que se tem aí é uma forma de aprendizagem imprevisível, dispersiva, fragmentária e mesmo caótica, nem sempre incorporada à memória”<sup>3</sup>. Apesar disso Santaella (2014) não deixa de reconhecer que este espaço tem seu valor inserido em um contexto de complementaridade.

Ainda que a educação online diga sobre fluxos não contínuos e planos de ensino orgânicos, o que trazemos aqui não são plataformas de educação formal, mas espaços de conscientização e formação do indivíduo enquanto agente social. Sua busca por respostas frente à disputa hegemônica é respondida por vídeos roteirizados e gravados a partir da “ordem do dia”, mas ainda assim estruturados com objetivos de aprendizagem claros. Este modelo de veiculação da educação pela “ordem do dia” muito se assemelha ao modelo de ensino sociocultural e humanista e que permite avaliações de ensino e aprendizagem – se fosse o caso – com base em problemas reais. Gomez (2004) vê o espaço do *Youtube* como um espaço positivo para a aprendizagem colaborativa nas mídias sociais. Para a autora, a plataforma possibilita “a construção de conhecimentos, estabelecimento de espaços colaborativos e a

---

<sup>3</sup> *Ibidem*

abordagem de assuntos que vão além do conhecimento em si e que passam por questões éticas e legais.” (GOMEZ, 2004 apud JUNGES e GATTI, 2019, p. 117).

### **Sobre educação humanista e crítica à hegemonia**

É a partir deste cenário que discutimos as interações da educação com a cidadania e a disputa hegemônica a partir das reflexões de Antonio Gramsci. Assim como Sabrina Fernandes parte seu canal da décima primeira tese sobre Feuerbach, partimos aqui desta mesma Tese marxista para nos guiar na elaboração de nossas discussões: “Os filósofos não fizeram mais que interpretar o mundo de forma diferente; trata-se, porém, de modificá-lo.” (MARX, 1999, p. 8). Assim sendo, é a necessidade de transformação do mundo que move a educação libertária, crítica e transformadora, uma educação que é também a base par as lutas democráticas e objeto dessas mesmas lutas.

Gramsci se inspira em outra Tese de Feuerbach para tratar sua impressão quanto a educação. Para o autor, a vida, assim como a educação, está de acordo com a “luta para nos adaptarmos ao ambiente, mas também e especialmente para dominá-lo e para não nos deixarmos esmagar por ele”. É interpretando Marx que Gramsci escreve ao seu irmão nas Cartas do Cárcere em 25 de agosto de 1930 – aqui nosso marco teórico referencial parte do compêndio sobre “Educação” escrito por META (2017)<sup>4</sup>.

em consequência disso, pensa que, se na relação educativa abre-se mão de “intervir [...] usando a autoridade que vem do afeto e do convívio familiar, pressionando sobre ela de modo afetuoso e amoroso, porém inflexivelmente rígido e firme, acontecerá, sem dúvida alguma, que a formação espiritual [...] será o resultado mecânico da influência casual. (META, 2017, p. 324)

E se lutamos para não sermos esmagados pelos ambientes, lutamos para validar nossas experiências sociais, a fim de garantir as práticas e saberes que nos guiam na formação de nossas identidades, não só pela educação formal, mas principalmente por aquela que nos abastece sem mesmo que percebamos. São nossos valores e crenças apreendidos pela experiência em sociedade, pelos espaços de sociabilidade e pelas ritualidades de que também nos fala Martin-Barbero (2004), que guiam a construção de um modelo de educação humanista, pois ditam as rotinas sociais constantemente em transformação. Daniel e Carvalho analisam como Rita Von Hunty eleva os tópicos corriqueiros a aprofundamentos sociais condizentes com as formas de luta contra hegemônica e da vida em sociedade.

---

<sup>4</sup> CHIARA, Meta. Educação. In: LIGUORI, Guido; VOZA Pasquale (Org.). **Dicionário Gramsciano 1926-1937**. São Paulo: Boitempo, 2017

Rita von Hunty traz à discussão tópicos do cotidiano, como Redes Sociais ou a forma do amor romântico no Ocidente – entre outros exemplos –, e a partir daí, de questões que a princípio poderiam parecer alheias à disputa e ao discurso político, a Drag apresenta didaticamente como tais temas não são apenas ‘visão de fundo’ (FREIRE, 1994), mas sim assuntos diretamente ligados ao sistema de dominação que todos nós, enquanto classe trabalhadora, estamos submetidos. (DANIEL e CARVALHO, 2021, p.5)

O que refletimos aqui toma como base as relações de ensino que contrastam os modelos tecnicistas norte-americanos com os valores de uma formação humanista, os quais Gramsci (Cartas, I, 385) valorizou. A ideia de que a educação não pode ser coercitiva, negando os instintos e as percepções do próprio indivíduo, diferenciando instrução de educação. Na construção de uma educação crítica e humanista os indivíduos educandos não exercem mera passividade como apontam às implicações dogmáticas de um ensino jesuíta. Que formando as massas sociais constrói experiências e sentidos que condicionam os indivíduos as normativas da velha e da nova burguesia, conformando o ser a sua realidade e impedindo as transformações populares.

Não é casual o fato de que à Igreja “é conferida a formação intelectual e moral dos mais jovens (escolas primárias e médias)” e aos intelectuais laicos “o ulterior desenvolvimento dos jovens na universidade”. Trata-se de uma divisão das tarefas que corresponde a uma organização da sociedade dividida em classes, que tem no conteúdo da reforma de Gentile sua perspicua representação. Segundo esse enfoque “a escola primária e média é a escola popular e da pequena burguesia”, cujas camadas sociais são “monopolizadas educativamente pela casta, visto que a maioria dos seus elementos não chega até a universidade, isto é, não conhecerá a educação moderna em sua fase superior crítico-histórica, mas apenas conhecerá a educação dogmática”. A universidade é de fato a escola da classe dirigente e constitui “o mecanismo através do qual ocorre a seleção dos indivíduos das outras classes a serem incorporados ao pessoal governativo, administrativo, dirigente” (ibidem [(Q16, 11, 1.867 [CC, 4, 43]), 1.868 [CC, 4, 45)]. (META, 2017, p. 327)

Já em sua época, Gramsci percebia o quanto o modelo de educação não poderia estar distante das relações e percepções sociais cotidianas. Percepção também mirada por Paulo Freire em seus inúmeros trabalhos. O que desejamos ainda hoje é nos distanciarmos da possibilidade de estabelecer um “tipo de sociedade [em que], o elemento coercitivo-educativo, como dimensão que não pode ser eliminada do processo educativo, esclarece-se pelo conceito de educação como luta contra os instintos para dominar a natureza”<sup>5</sup>, permitindo assim a ascensão de um modelo de educação que caminha lado a lado com as diversas realidades

---

<sup>5</sup> *Ibidem*

tangíveis de uma sociedade tão plural e não mais mecanicista e integradora, que visa eliminar as diferenças que atuam em prol de um controle hegemônico da razão.

Um controle que caminha lado a lado com o domínio da religião sobre os indivíduos das classes populares e da pequena burguesia e que historicamente se estabeleceu por muitos anos no ensino europeu, mas também do Brasil. Sendo superado apenas por um mal ainda maior nas classes populares latino-americanas – o racismo e as dinâmicas de dominação de raça, bem como as políticas eugenistas que relegaram povos não brancos à coerção cultural pelo chicote e não pela educação formal.

A consciência individual da esmagadora maioria das crianças reflete relações civis e culturais “diversas e antagônicas às que são refletidas pelos programas escolares: o ‘certo’ de uma cultura evoluída torna-se ‘verdadeiro’ nos quadros de uma cultura fossilizada e anacrônica, não existe unidade entre escola e vida e, por isso, não existe unidade entre instrução e educação” (Q 12, 2, 1.541-2 [CC, 2, 44]). (META, 2017, p. 326)

Para Freire (2020), a base de uma educação humanista está no diálogo aberto à realidade consciente das relações sociais, interpessoais e intrapessoais, com o mundo, a natureza e o espaço em que se desenvolvem as percepções do ser, enquanto a educação bancária nega esta mesma relação com as experiências coletivas e assemelha-se a práticas “necrófilas”, em que as percepções do mundo não podem ser vistas à luz de uma suspensão da cotidianidade (Heller, 2004), onde não há a possibilidade de encontrar vida junto às experiências sociais coletivas. Freire (2020) percebe essa necrofilia como um espaço de amor à opressão, assim "A opressão, que é um controle esmagador, é necrófila. Nutre-se do amor à morte e não do amor à vida." (p. 90), esse amor à vida só se estabelece na educação quando os espaços de formação do educando se articulam com o coletivo e com as experiências em sociedade, e a partir do momento em que a educação se permite ser mediatizada pelo mundo. Os espaços de interação e construção cognoscente da realidade atuam não como espaço isolado, mas que coletivamente são percebidos através de uma retroalimentação sensível do eu-educando com o eu-educador, seja ele quem for.

Através dela [uma compreensão cada vez mais crítica e menos alienada], que provoca novas compreensões de novos desafios, e que vão surgindo no processo da resposta, se vão reconhecendo, mais e mais, como compromisso. Assim é que se dá o reconhecimento que engaja. A educação como prática de liberdade, ao contrário daquela que é prática de dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens. (FREIRE, 2020, p. 98)

Este engajamento das ações em coletivo e sociedade, são percebidas por Bastos “como

imprescindível[is] para o despertar da consciência política e constituição da vontade coletiva gramsciana, de um bloco teórico-prático, intelectual e moral, ético-político que supere o bloco histórico."(2020, p.17). Sendo a hegemonia um sistema complexo, em constante renovação e reinvenção, sempre presente em qualquer sistema social, em qualquer tempo político e histórico, este despertar da consciência política é fundamental para que haja uma miríade de ações civis dispostas a despertar num todo social os espaços de luta contra hegemônica, articulando experiências e sentidos para além dos espaços “de bolha” dos movimentos sociais, evitando sua insularidade<sup>6</sup>. Em outra produção Bastos (2022, p. 56) relembra que para Freire (1986) engajar é um “processo permanente de iluminação da realidade”, onde “os educadores devem ser militantes, no sentido político da palavra, compreendendo o termo como ativismo crítico.”.

Ao nos aprofundarmos na observação dos posicionamentos políticos de Fernandes e Terrieri acreditamos que seu eu-educador pode atuar neste engajamento crítico da educação. O que desejamos aqui é então observar seus conteúdos a fim de comprovar ou não nossa suposição. Para isso, consideramos dois temas fundamentais que demarcam posições de destaque na luta política e social de uma educação emancipatória. A luta antirracista e a ecossocialista estão postas como bases para a transformação das diferenças sociais em amplos sentidos.

Davis (2017) é cirúrgica ao dizer que não há possibilidade de mudança social sem observar o caráter racial que diferencia os povos em suas necessidades e lutas, isto porque há diferenças culturais que dizem respeito a uma infinidade de coisas que importam mais para um grupo do que para outro. Enquanto mulheres brancas lutavam, por exemplo, pelo direito ao voto e ao trabalho fora de casa, mulheres negras ansiavam pelo conforto de um lar, por um amor antirracista e principalmente pela garantia do pão. Esta luta antirracista se faz fundamental pois “Não devemos supor que a autêntica solidariedade emanará automaticamente do reconhecimento do simples fato de que as mulheres de minorias étnicas são os seres humanos mais oprimidos de nossa sociedade.” (DAVIS, 2017, p. 36).

Do mesmo modo, uma efetiva crítica ao capitalismo passa pela necessária luta ecossocialista, uma vez que é uma das bases fundamentais da alienação do trabalho e da fetichização da vida. Tal alienação por sua vez é responsável pelo distanciamento da visão social quanto à necessária preservação ambiental e o resgate e manutenção do equilíbrio climático. Löwy (2014, p. 19), inspirado por Bloch, observa a luta ecossocialista, de que é um

---

<sup>6</sup> *Ibidem*



dos principais representantes, como um meio de “construir um caminho novo, baseado na igualdade entre os seres humanos e em princípios ecológicos’. Um caminho novo, igualitário e ecológico, socializando as riquezas.”.

### **Análise dos canais Tese Onze e Tempero Drag**

Pelas razões apresentadas acima, nosso percurso metodológico parte da seleção dos vídeos dentro da temática racial e de meio ambiente. Nosso levantamento inicial considerou como código a “luta antirracista” e a “luta ambiental” e como unidades de análise os vídeos completos dos canais Tempero Drag e Tese Onze. A contar dos últimos cinco anos de produção destas unidades de análise, iremos observar o discurso como um todo considerando seus aspectos educacionais, bem como as informações acrescentadas na descrição dos vídeos e a indicação de seus possíveis complementos em blog<sup>7</sup>, no caso do canal Tese Onze.

Desta forma, seguimos os pressupostos da Análise de Conteúdo propostos por Lycarião e Sampaio (2021) e, após a definição do código e a seleção das unidades, categorizamos este conteúdo ao passo que fomos assistindo o material, isto porque ainda que os autores indiquem a necessidade de categorizar antes de realizar o levantamento, percebemos que em trabalhos que indicam ampla subjetividade, como na comunicação livre proposta pelo *Youtube*, caminhos inesperados podem ser assumidos por seus criadores.

Quanto às categorias de análise a partir dos códigos “luta antirracista” e “luta ambiental”, encontramos no canal Tese Onze vídeos que podem ser alocados nas seguintes categorias: Agrotóxicos; Insegurança Alimentar; Racismo; Greenwashing; Política; Meio Ambiente; Mudança Climática; Colonização Espacial; Luta Social; Imperialismo Ecológico; Ecosocialismo; Extrativismo; Transição Energética e Bem Viver. Sendo apenas Racismo, Meio Ambiente, Ecosocialismo, Extrativismo e Transição Energética com mais de uma aparição.

*Tabela 1 - Categoria dos Vídeos Tese Onze*

Categorias	Aparições
Agrotóxicos	1
Insegurança Alimentar	1
Racismo	2
Greenwashing	1

<sup>7</sup> Não analisamos especificamente todo o conteúdo indicado no blog, visto que representam uma referência bibliográfica das informações apresentadas nos vídeos, bem como complementos de leitura sobre o tema.

Política	1
Meio Ambiente	2
Mudança Climática	1
Colonização Espacial	1
Luta Social	1
Imperialismo Ecológico	1
Ecosocialismo	4
Extrativismo	2
Transição Energética	2
Bem Viver	1

*Fonte: Desenvolvido pela autora*

Todos os vídeos analisados possuem aprofundamento e apresentam amplo referencial teórico, não só ao longo do discurso, mas também na indicação – nas legendas – de uma aba do site onde os referenciais são categorizados por vídeos. Ao observar a densidade teórica do vídeo “Dicas de leitura em ecosocialismo | Recomendações 007”, onde o objetivo é efetivamente guiar o público no aprendizado, encontramos – no guia em seu site<sup>8</sup> – 67 referenciais teóricos, que apresentam produções acadêmicas em diversos idiomas, pontuando quais conteúdos são mais aprofundados, e quais necessitam de certa base teórica marxista para sua compreensão, além de materiais em outros formatos didáticos e paradidáticos.

Já nos vídeos do canal *Tempero Drag* apresentado pela Drag Queen Rita Von Hunty – personagem elaborado por Guilherme Terreri –, encontramos categorias menos subdivididas, mas em nenhum momento um menor aprofundamento teórico ou falta de reflexão crítica. Em seus vídeos, Rita apresenta logo no início seus ganchos cotidianos e acontecimentos recentes que se articulam com o tema de seus vídeos, demonstrando assim sua ligação com as articulações sociais e como seu conteúdo educativo se articula com as experiências coletivas. A indicação de seus referenciais teóricos apresentados ao longo dos vídeos, bem como outras indicações que complementam a apresentação dos temas, são apontados na própria descrição dos vídeos, não havendo nenhum outro espaço ou base de construção educativa como no caso do Tese Onze.

---

<sup>8</sup>Tese onze. **Materiais para conhecer sobre ecosocialismo**. (12 maio 2020). Disponível < <https://teseonze.com.br/indicacoes/introecosocialismo/>>. Acesso em 16 ago 2022

Tabela 2 – Categoria dos Vídeos Tempero Drag

Categorias	Aparições
Racismo	5
Ecologia	1
Classe	1
Sustentabilidade	1

Fonte: 1 – Análise Pessoal

Os vídeos no canal Tempero Drag apresentam uma maior variação temática e em sete (7) dos nove (9) vídeos analisados no canal encontramos a indicação de outros vídeos do próprio canal que complementam as reflexões apresentadas, enquanto oito (8) vídeos dos doze (12) analisados no Tese Onze apresentam esta característica. Nove (9) vídeos do Tese Onze também apresentam ampla indicação teórica de autores relacionados ao socialismo e suas relações. Apenas os vídeos que tratam de notícias relacionadas ao desmonte da Petrobrás, e o interesse bilionário na extração do lítio amazônico e uma entrevista com o indígena Cristian Wariu não apresentam referenciais teóricos; no Tempero Drag, a exceção à indicação teórica está nos vídeos sobre o interesse histórico dos países de primeiro mundo na extração amazônica e a Guerra às Drogas.

Considerando os códigos – luta antirracistas e luta ambiental – definidos para a análise, percebemos que a educação crítica e de base humanista é preponderante na construção do roteiro dos vídeos analisados, e neste sentido podem ser considerados como espaços de formação que se assemelham as bases definidas por Freire (2020) e Gramsci. Ainda que com diversas limitações estabelecidas pela plataforma e por suas lógicas algorítmicas.

## Conclusão

Uma vez que o que desejamos aqui é perceber se os temas de fato são abordados pelos pesquisadores de forma aprofundada, referenciada e envolta em questões ligadas ao cotidiano de seus públicos, concluímos que os vídeos de ambos os canais possibilitam um encontro profundo com o saber, com as conexões possíveis entre a educação formal – limitada por seu formato –, humana e de amplo raciocínio crítico.

O que nos parece claro aqui é a barreira transposta por Guilherme Terreri e Sabrina Fernandes ao difundir o acesso a conteúdos tão densos de forma livre e gratuita nas redes digitais. Sabine e Guilherme não são os únicos a fazer este tipo de trabalho, também não são os primeiros e provavelmente não serão os últimos, mas representam um lugar de ampla difusão e apelo junto à juventude ligada aos movimentos sociais ou que esteja interessada em suas

principais causas e defesas, as políticas ecossocialistas e o movimento LGBTQIA+, respectivamente. Sua maneira de educar finca seus eixos comunicativos nas bases fundamentais propostas por Paulo Freire, esta mesma raiz e valor da educação é, muito provavelmente, reflexo da educação crítica e humanista que molda grande parte da educação superior no Brasil e no mundo, fonte de que bebem ambos os *youtubers*.

Ainda que grande parte do modelo de ensino das escolas de nível básico não esteja, na prática, próximo ao que Freire (2020) propõe para as práticas de educação humanista e problematizadora, parece-nos que os atos – ainda que isolados em certa medida – de educadores como Terreri e Fernandes estão a serviço de um processo de libertação de indivíduos submetidos à lógica de dominação, ao mesmo tempo que entendem seu espaço enquanto paralelamente dominados. Suas estratégias de comunicação e meios de veiculação permitem assim a prática de uma educação problematizadora. Freire (2020, p. 105) pontua que para uma “educação problematizadora, enquanto um quefazer humanista e libertador, o importante está em que os homens submetidos à dominação lutem por sua emancipação”, ainda que galgando espaços de formação educativa “imprevisível, dispersiva, fragmentária e mesmo caótica”, que seguem junto ao modelo assim criticado por Santaella (2014).

A apreensão do conteúdo pelo indivíduo cognoscente parece efetiva junto aos canais *Tempero Drag* e *Tese Onze*, isso porque, mais do que efetivamente utilizarem suas plataformas como espaços de veiculação de um modelo de educação em princípio tradicional – limitados por seu formato –, estão ligados a todas as ferramentas complementares de uma educação problematizadora e libertária. Seus exemplos, inserções imagéticas, recursos sonoros e visuais, e principalmente sua complementariedade teórica direcionam o espectador-educando a uma percepção da própria realidade. E mais do que isso, respondem a questionamentos já pungentes em seu público e a demandas não atendidas pela educação formal ou pela mídia televisiva.

Assim, percebemos que a educação em seus canais atua em uma miríade entre a prática da liberdade como uma prática de educação humanista e problematizadora (Freire, 2020) ao mesmo tempo em que possibilita um espaço de manifestação de ideias, que poderia culminar em uma articulação por novas percepções de uma hegemonia popular e cultural. É também um espaço de ampla reflexão de suas possibilidades e entrelaçamentos com o engajamento político (BASTOS, 2020) de seus públicos, à construção de um modelo de educação que se aproxima das reflexões críticas de um cotidiano social em que seus espectadores estão inseridos.

Outrossim na relação entre produtores de conteúdo, plataformas digitais e espectadores encontram-se diversas implicações tecnológicas e limites ao letramento midiático que dizem respeito à inferência algorítmica, ao alcance das plataformas ao público de massa, suas

dinâmicas políticas próprias e que conseqüentemente impedem que um todo social tenha acesso a estes espaços de formação crítica possibilitados pela atuação de diversos comunicadores políticos como Fernandes e Terreri. Estas dinâmicas políticas que implicam o alcance destes canais carecem de um olhar atento e uma análise profunda que aqui não temos braço para alcançar, mas estas são dinâmicas que, felizmente, vem sendo bem trabalhadas por tantos outros pesquisadores.

### Referências Bibliográficas

BASTOS, P. N. Dialética da insularidade: Notas para compreensão da hegemonia popular. In: 29º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande - MS, 2020. **Anais Eletrônico** [...]. Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2020b. Disponível em: [http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos\\_arquivo\\_Z6YXOGOZJCMN00ENVSVS\\_30\\_8461\\_21\\_02\\_2020\\_12\\_53\\_39.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_Z6YXOGOZJCMN00ENVSVS_30_8461_21_02_2020_12_53_39.pdf). Acesso em: 23 jul. 2021.

BASTOS, Pablo N. Engajamento crítico e reflexivo: o nível político da competência crítica em mídia e informação (CCMI). In: Bezerra, Arthur C.; Schneider Marco (org.). **Competência crítica em informação: teoria, consciência e práxis**. Rio de Janeiro: IBICT, 2022. – (Coleção PPGCI 50 anos)

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **Youtube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. São Paulo: Aleph, 2009

DANIEL, Bárbara; CARVALHO, Noel. A FIGURA DE RITA VON HUNTY, DA COMUNICAÇÃO VIRTUAL À PRÁXIS DA PEDAGOGIA CRÍTICA. **XXIX Congresso de iniciação Científica da UNICAMP**, 2021. Disponível <<https://www.prp.unicamp.br/inscricao-congresso/resumos/2021P19088A36543O2843.pdf>> Acesso 10 ago 2020

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2017

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2020

Fundamentos do ECOSSOCIALISMO | 049. **Tese Onze**. 1 vídeo. 19min35s. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=WcpZG3HkEtQ&t=2s>>. Acesso 10 ago 2022

Guerra às drogas. **Tempero Drag**. 1 vídeo. 17min08s. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=-JS27esNdkE>>. Acesso 10 ago 2022

JUNGES, Débora; GATTI, Amanda. Estado da arte sobre o youtube na educação. In: **Rev. Informação em Cultura**, Mossoró, v.1, n.2, p. 113-131, jul-dez, 2019.

LIGUORI, Guido; VOZA Pasquale (Org.). **Dicionário Gramsciano 1926-1937**. São Paulo: Boitempo, 2017

LUCKMAN, Luiz; BERNART, Eliezer. Da Universidade Clássica à universidade brasileira: aproximações e desdobramentos. **Unoesc & Ciência – ACHS**, Joaçaba, v.5, n.2, jun.-dez, 2014

MARX, Karl. **Teses sobre Feurbach**. Ed. Ridendo Castigat Mores, 1999 [1845]

META, Chiara. **Educação**. In: LIGUORI, Guido; VOZA Pasquale (Org.). Dicionário Gramsciano 1926-1937. São Paulo: Boitempo, 2017

SAMPAIO, Rafael. LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de conteúdo categorial**: manual de aplicação. Brasília: Enap, 2021

SANTAELLA, Lúcia. A aprendizagem ubíqua na educação aberta. In: **Tempos e Espaços Em Educação**. São Cristóvão, v. 7, n.14, p. 15-22, set.-dez., 2014.

Tese onze. **Materiais para conhecer sobre ecossocialismo**. (12 maio 2020). Disponível <<https://teseonze.com.br/indicacoes/introecossocialismo/>>. Acesso em 16 ago 2022

### Outras referências

"Bem viver" (feat. Thiago Ávila) | 050. **Tese Onze**. 1 vídeo. 22min51s. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=fykaCKAHAds&t=11s>>. Acesso 10 ago 2022

"I" de Imperialismo Ecológico | Glossário 012. **Tese Onze**. 1 vídeo. 14min34s. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=iNw5eSGVP68&t=4s>>. Acesso 10 ago 2022

"O ecossocialismo de Karl Marx" - DIA "M" com Kohei Saito e Guilherme Prado | Teoria engajada 005. **Tese Onze**. 1 vídeo. 1h41min59s. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=sqCdLbBvg-Q>>. Acesso 10 ago 2022

"R" de Racismo Ambiental | Glossário 014. **Tese Onze**. 1 vídeo. 7min38s. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=iGJzgzgRQfQ>>. Acesso 10 ago 2022

A criminalização da luta e de quem luta | Vlog 021. **Tese Onze**. 1 vídeo. 14min07s. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=wPv54hXCaEM>>. Acesso 10 ago 2022

A enganação verde | 096. **Tese Onze**. 1 vídeo. 7min51s. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=yQdP5dk9kmE>>. Acesso 10 ago 2022

A outra ciência do clima | Thesis Eleven 005. **Tese Onze**. 1 vídeo. 12min55s. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=MZc7i9qxViI>>. Acesso 10 ago 2022

Agroecologia e agricultura familiar. **Tempero Drag**. 1 vídeo. 24 min31s. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=i8SJvHhSQmk>>. Acesso 10 ago 2022

Colonização espacial bilionária | 092 **Tese Onze**. 1 vídeo. 16min07s. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=9HRp16uezs4&t=2s>>. Acesso 10 ago 2022

Desenvolvimento sustentável... **Tempero Drag**. 1 vídeo. 16min15s. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Ef4T7DrTvmI>>. Acesso 10 ago 2022

Dicas de leitura em ecossocialismo | Recomendações 007. **Tese Onze**. 1 vídeo. 9min47s. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=m9BAHqkhLU0>>. Acesso 10 ago 2022

E o lítio? Interesses bilionários na América Latina | 071. **Tese Onze**. 1 vídeo. 16min40s. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=iBUQcAL0t4Y&t=2s>>. Acesso 10 ago 2022

Ecocídio| 040. **Tese Onze.** 1 vídeo. 17min10s. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=4niI0mF85ek>>. Acesso 10 ago 2022

Ecosocialismo é mais que ambientalismo | 080. **Tese Onze.** 1 vídeo. 15min44s. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=N-riXUzjC5c>>. Acesso 10 ago 2022

Édipo negro. **Tempero Drag.** 1 vídeo. 23min31s. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=FOiMQ3MMuQE>>. Acesso 10 ago 2022

Essa Amazônia não é novidade. **Tempero Drag.** 1 vídeo. 12min58s. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Ev7oyOI9Ru0>>. Acesso 10 ago 2022

Ferida colonial. **Tempero Drag.** 1 vídeo. 19min33s. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=EErd3sPhzm4>>. Acesso 10 ago 2022

Luta de classes. **Tempero Drag.** 1 vídeo. 26min17s. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=jvPLD8gh7vI>>. Acesso 10 ago 2022

Mudança climática e o capitalismo | 052. **Tese Onze.** 1 vídeo. 16min51s. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=UmeFT\\_nOpQ4&t=4s](https://www.youtube.com/watch?v=UmeFT_nOpQ4&t=4s)>. Acesso 10 ago 2022

O ministro do agro no meio ambiente | 095. **Tese Onze.** 1 vídeo. 7min37s. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=9wtykOstrOQ>>. Acesso 10 ago 2022

O pacote do veneno do Brasil | Thesis Eleven 006. **Tese Onze.** 1 vídeo. 9min14s. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=SW95kMD2UXg>>. Acesso 10 ago 2022

O papel ecológico da Petrobras | 089. **Tese Onze.** 1 vídeo. 13min24s. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=cEBzY-PYMDM&t=186s>>. Acesso 10 ago 2022

Racismo reverso, bbb e outras ficções. **Tempero Drag.** 1 vídeo. 18 min07s. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=TWAJEeIx8VY>>. Acesso 10 ago 2022

Racismo, coisa de branco. **Tempero Drag.** 1 vídeo. 26min16s. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=eBfw2WqNDj0>>. Acesso 10 ago 2022

Voz indígena 519 anos depois com Cristian Wariu | Feat 005. **Tese Onze.** 1 vídeo. 20min32s. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=nTWmls8Kb-g>>. Acesso 10 ago 2022